

**POLÍTICA, ESPAÇO E PANDEMIA: REFLEXÕES A PARTIR DO CONTO *O ESPELHO*, DE MACHADO DE ASSIS**

**POLITICS, SPACE AND PANDEMIA: REFLECTIONS FROM THE TALE *O ESPELHO*, BY MACHADO DE ASSIS**

**Bárbara Rodrigues Pereira Marra<sup>1</sup>**

**Oziris Borges Filho<sup>2</sup>**

**Resumo:** O propósito deste trabalho consiste em analisar o conto *O espelho*, de Machado de Assis e as relações espaciais, sociais e políticas estabelecidas entre os personagens a partir de um novo cargo que o personagem principal ocupa e as relações de poder que se formam entre ele, seus familiares e amigos a partir desse novo contexto. A literatura, como bem se sabe, tem o poder de retratar e refletir as relações humanas de forma atemporal e muito precisa e nesse conto, especificamente, é possível identificar diversas realidades e as relações sociais, familiares e de poder que são sutilmente estabelecidas entre as partes, sem acordo prévio, ficando subentendida e sendo geralmente acatada por todos. Ao final, analisamos essa relação à luz do contexto de isolamento que forçadamente vivemos hoje em todo o mundo e que acabam por transformar as relações humanas justamente porque elas se tornam mais distantes, frias e etéreas. E, assim como no conto, podemos analisar a dificuldade do ser humano de se perceber e se entender quando se encontra fechado em seu espaço íntimo, isolado de seus pares.

**Palavras-chave:** Topoanálise; Espaço; Política; Relações de Poder; Isolamento Social.

**Abstract:** The purpose of this work is to analyze the short story **The Mirror**, by Machado de Assis and the spatial, social and political relationships established between the characters from a new position that the main character occupies and the power relationships that form between him and his family and friends from this new context. Literature, as is well known, has the power to portray and reflect human relationships in a timeless and very precise way, and in this story, specifically, it is possible to identify different realities and the social, family and power relationships that are subtly established among people. parties, without prior agreement, being understood and generally accepted by all. In the end, we analyze this relationship in the light of the context of isolation that we are forced to live around the world today and that end up transforming human relationships precisely because they become more distant, cold and ethereal. And, as in the short story, we can analyze the difficulty of the human being to perceive and understand himself when he is closed in his intimate space, isolated from his peers.

**Keywords:** Topoanalysis; Politics and Literature; Power relations; Social isolation.

## **Introdução**

A partir da Topoanálise do conto *O espelho*, pretendemos observar as relações formadas entre os indivíduos e transformadas em momentos de mudanças sociais ou

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem na UFG, Campus de Catalão. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). [barbaramarra@yahoo.com.br](mailto:barbaramarra@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem na UFG, Campus de Catalão. [oziris@oziris.pro.br](mailto:oziris@oziris.pro.br)

políticas. A partir da análise do conto, vamos trazer a reflexão sobre as mudanças sociais e políticas e as limitações espaciais a que fomos submetidos na atualidade com o advento da pandemia da Covid-19.

Machado de Assis, com sua genialidade para tratar de questões cotidianas, ambienta o espaço da narração do conto *O espelho* em uma casa no morro de Santa Tereza, bairro classe média baixa do Rio de Janeiro, em uma conversa de cavalheiros:

A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumia a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo. (ASSIS, 2012, p. 49).

A sala aqui se apresenta como um espaço que se funde com a cidade e o céu, a luz da vela com a luz da lua e das estrelas e o barulho das agitações da cidade que irrompe o ambiente de conversa entre homens. Essa relação entre céu e terra condiz com os assuntos falados por eles, que eram os “problemas do universo” (ASSIS, 2012), que transcendiam questões corriqueiras, eram questões transcendentais.

Em determinado momento da história, o mais calado desses cavalheiros decide usar a palavra e traz à tona a seguinte afirmação, que faz os outros ficarem em absoluto silêncio e curiosidade:

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... (...) A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa. (...) Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira: as duas completam o homem. (ASSIS, 2012, p. 50).

Nesse trecho temos a representação do nosso interior como sendo a alma que olha de dentro para fora e do nosso exterior como a alma que olha de fora para dentro. Dessa representação temos como ponto importante no conto o percurso espacial de interioridade, que se divide em interior e exterior. Bachelard (1993) afirma que essas dialéticas de interior/exterior, sim/não, ser/não ser constituem uma geometria que espacializa o pensamento. A afirmação sobre as almas interior e exterior deixa todos atônitos e é justificativa para a história que ilustra as relações de poder entre os homens e o papel do espaço na formação dessas relações.

Jacobina busca a junção do interior e do exterior, elementos opostos. Essa dialética se resolve quando ele encontra a união entre essas duas partes. Com isso, ele mostra que essa unidade é essencial para que o ser humano sobreviva. (BORGES FILHO; BARBOSA, 2006, p. 39).

O conto é narrado em três espaços e possui dois narradores, um é o espaço da narração, é o espaço que está fora da narrativa, espaço em que a história será contada, feito em 3ª pessoa, contada pelo personagem Jacobina. Quando a narração passa a ser em 1ª pessoa, o espaço muda, passa a ser o espaço da narrativa e do narrador em primeira instância, local onde se passa a história o início da história, a vila em que ele é nomeado alferes. Posteriormente, o espaço é o do sítio da tia Marcolina.

## Discussão

Partindo do pressuposto de que a política não está apenas nos espaços dos planaltos e palanques, mas também marca todas as relações de poder entre os homens, fazendo com que “iguais” se tornem “diferentes” ao galgar novos degraus no sucesso, seja ele financeiro ou social. A história é a de um homem que quando tinha 25 anos e era pobre, foi nomeado alferes da Guarda Nacional. Esse posto fez dele motivo de muito orgulho em sua casa, mas também alvo de admiração e inveja por parte dos vizinhos e amigos. O próprio espaço da vizinhança, uma vila, mostra a origem humilde do alferes. “Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam.” (ASSIS, 2012, p. 53). Aqui notamos uma clara referência ao termo bíblico “choro e ranger de dentes”, que aparece no evangelho de Mateus, se referindo ao inferno, “fornalha ardente”, local de dor e sofrimento (BÍBLIA, Mateus, 1999).

Nesse contexto, Machado usa o termo “distinção”, para mostrar que o rapaz comum e pobre, passa a ser “distinto” dos outros a partir do cargo que passará a ocupar. Uma relação meramente política, uma vez que ele, a princípio, não deixaria de ser o rapaz que era simplesmente pelo cargo que iria ocupar. Na ocasião, tia Marcolina, “[...] que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário [...]” (ASSIS, 2012, p. 55) orgulhosa do sobrinho agora tão importante, convida para passar com ela uns dias no sítio e lá passa a receber o tratamento que caberia pelo cargo que agora ocuparia: tinha o melhor lugar da mesa. A tradição do lugar à mesa é representativa de poder, as pessoas mais importantes em qualquer ocasião têm tradicionalmente seu lugar demarcado, onde,

por respeito, os outros não se assentam. O alferes era agora também o primeiro a ser servido, era tratado com todo respeito pela tia e pelos escravos do sítio e o objeto mais valioso da decoração da casa, um espelho, “[...] obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples [...]” (ASSIS, 2012, p. 53) agora ficaria em seu quarto. “[...] nesse lugar aparentemente sem importância, Jacobina sofrerá uma transformação crucial para sua existência.” (BORGES FILHO; BARBOSA, 2006, p. 41). O sítio da tia, em um primeiro momento, nada teve de escuso e solitário para o alferes, que se sentiu aceito, respeitado e abraçado, estabelecendo com o lugar uma relação topofílica. “Portanto, vê-se que o status social da personagem provoca uma metamorfose não somente nas relações sociais, mas também no próprio espaço.” (BORGES FILHO; BARBOSA, 2006, p. 42).

Acontece que com a chegada no sítio e os tratos de autoridade dispensados a ele “O alferes eliminou o homem [...]” (ASSIS, 2012, p. 53), como ele próprio percebeu, e as naturezas se desequilibraram e a “alma exterior” do homem, que era antes o sol, o ar, o campo, passou a ser então a cortesia da casa. Foi quando o poder “subiu à cabeça” como popularmente se diz. Até que um dia uma das filhas de tia Marcolina esteve à morte e ela precisou deixá-lo sozinho no sítio com os escravos. Fato que deixou os escravos ainda mais solícitos e ele ainda mais importante. Na verdade, o que os escravos estavam tramando era uma fuga e, numa manhã, se viu completamente sozinho no sítio, no mais absoluto silêncio, sem mais bajulações, apenas o tic-tac incansável do relógio. O gradiente sensorial da audição ajuda a criar o ambiente de solidão, quando não há barulhos de pessoas, conversas, passos, barulhos como o tic-tac do relógio remetem a um ambiente silencioso e solitário. As relações de poder só se estabelecem onde há duas ou mais pessoas, sozinho, ninguém exerce poder, ninguém oprime, nem é oprimido. “[...] o poder é *mercadoria rara* que só podemos possuir às *custas* de outra pessoa. Ou ainda: que o poder que possuo é a contrapartida do fato de que alguém não o possui.” (LEBRUN, 2017, p. 10) E foi nesse cenário que se viu nosso personagem, que há pouco conheceu o prestígio e já agora estava sem sua alma exterior. Nesse contexto, o sentimento descrito foi de “O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil.” (ASSIS, 2012, p. 54). Neste novo contexto, sua relação com o espaço é transformada, de topofílica para topofóbica, finalmente o sítio assume suas características de “escuso e solitário” (ASSIS, 2012).

Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda,

a senzala, tudo: ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. (ASSIS, 2012, p. 54).

Aquele lugar outrora de status e prazer se transforma em um espaço de solidão e vazio. Nesse contexto, o personagem tem relação de identificação com o espaço. Agora, ele, de fato, sentia a solidão e o sofrimento contidos naquele lugar e a sensação de que seria melhor ter morrido.

O ser humano com desejo de prestígio e poder precisa do outro para se estabelecer nessa posição, na solidão não existem posições dominadas ou dominantes, não se formam as relações de poder, inveja, domínio, servidão. “O homem, animal ‘por natureza’ político, só se realiza na sociedade.” (ESTEVAM, 2011, p. 8). O alferes acabou se refugiando nos sonhos:

“[...] o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes: vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver.” (ASSIS, 2012, p. 56).

Depois, redescobriu o espelho, aquele objeto mais valioso da casa, colocado em seu quarto para homenagear tão ilustre visita. Havia evitado o objeto desde que ficara só, por receio de ver-se tão solitário. À primeira vista o espelho não mostrou uma “[...] figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.” (ASSIS, 2012, p. 57), o solitário sentiu medo de enlouquecer, pensou em ir embora. Até que, em um lampejo, decidiu vestir a farda de alferes:

[...] o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso, era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. (ASSIS, 2012, p. 57).

A lucidez e a clareza do personagem retornam quando consegue novamente enxergar sua alma exterior a partir de sua imagem de alferes refletida no espelho. O espelho aqui aparece como instrumento que reflete não só o exterior, mas também o interior do sujeito. De acordo com *O Dicionário de Símbolos*:

[...] o espelho não tem como única função refletir uma imagem. Ele participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. (CHEVALIER, 2000, p. 393-394).

A sensação é de que, ali sim, quando o alferes consegue ver refletida no espelho sua imagem exterior, mas também sua alma interior, as coisas voltaram novamente a fazer algum sentido. Ao final, o alferes conta como suportou os dias seguintes de solidão no sítio.

Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando: no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir... (ASSIS, 2012, p. 58).

No conto, os símbolos de poder são diversos: a farda, o melhor lugar da mesa, o senhorio diante dos escravos, a masculinidade diante da tia que adivinha seus desejos, o espelho, melhor móvel da casa cedido a ele, mas todos esses símbolos perdem seu poder de status e prestígio no momento em que não há mais ninguém dentro do mesmo espaço para elogiar, servir, admirar, invejar, oferecer. Não há estratificações sociais, servidor e servido, senhor e escravo, homem ou mulher, melhor e pior em um espaço em que não haja o outro. “Faltando o olhar do outro, Jacobina entra em um estado de solidão que beira a angústia. Fazia pouco tempo fora agraciado pelo reconhecimento efusivo do estreito círculo que o rodeava. De repente ficara só.” (BOSI, 2014, p. 239). Ao ficar só, Jacobina perde seu referencial, sem referências externas, já não existe a sensação de superioridade que tanto agora o satisfazia.

Quando pensamos nas relações de poder estabelecidas no conto, pensamos em como o personagem principal se sentiu sem prestígio quando já não compartilhava seu espaço com mais ninguém. Acabamos também inevitavelmente pensando em nossas próprias relações sociais e políticas no momento de isolamento que se iniciou em 2020 e não sabemos quando acabará.

O autor é um observador da sociedade e da natureza humana. Uma vez que ele descarte o benefício prático, ponha de lado os potenciais obstáculos psicológicos e tenha um claro entendimento de si mesmo, suas observações serão incisivas e meticolosas e, sem que nenhum assunto consista num tabu, ele poderá expor e apresentar de maneira penetrante a verdadeira situação da vida humana. A literatura não se satisfaz em documentar pessoas e eventos reais, e a capacidade do autor de sondar a vida e a natureza humana deriva de suas experiências de vida. Mas ainda mais importante é a capacidade inata do autor tanto de sondar as mais distantes profundezas quanto de usar meios estéticos para relatar

linguisticamente as percepções que foram despertadas ao seu redor. (ESTEVAM, 2011, p. 15).

Dentro de uma convivência social corriqueira, dentro dos espaços públicos e privados: nas ruas, no trabalho, nas famílias, as relações de poder se formam como no conto, muitas vezes sem acordo prévio, de forma mais ou menos espontânea e natural entre os seres que se relacionam em um mesmo espaço; outras vezes essas relações se formam pela hierarquia dos cargos de trabalho e nos lares. No momento em que as relações se transformam, que o isolamento social é imposto a quase todos os seres humanos da Terra e em que cada um se fecha em seu próprio espaço, as relações sociais e de poder também se transformam.

O homem, como ser social e gregário, precisa compartilhar do mesmo espaço com o outro não apenas para comunicar, mas também para se reconhecer, se estabelecer, para se colocar nesta ou naquela posição. E essas posições podem ir se transformando ao longo da vida e a partir de mudanças como a do homem humilde que consegue se tornar alferes, que transforma sua relação com as pessoas à sua volta, especialmente com sua tia:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes: era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. (ASSIS, 2012, p. 52).

Aqui percebemos o nome alterando as relações de poder. Se antes era ele Joãozinho, nome comum, e ainda no diminutivo, tornando ele uma figura ainda menor, ser chamado por sua posição social o coloca em uma nova situação de ascensão e poder.

Machado de Assis descreve a alma humana com todas suas maravilhas e podridões: a admiração, o respeito, o encantamento, mas também a vaidade, a ganância, o amor pelo poder e o desejo de sair de sua posição de oprimido para a de opressor.

O autor é um observador da sociedade e da natureza humana. Uma vez que ele descarte o benefício prático, ponha de lado os potenciais obstáculos psicológicos e tenha um claro entendimento de si mesmo, suas observações serão incisivas e meticulosas e, sem que nenhum assunto consista num tabu, ele poderá expor e apresentar de maneira penetrante a verdadeira situação da vida humana. A literatura não se satisfaz em documentar pessoas e eventos reais, e a capacidade do autor de sondar a vida e a natureza humana deriva de suas experiências de

vida. Mas ainda mais importante é a capacidade inata do autor tanto de sondar as mais distantes profundezas quanto de usar meios estéticos para relatar linguisticamente as percepções que foram despertadas ao seu redor. (ESTEVAM, 2011, p. 15).

Poucas posições representam tanto o poder e a hierarquia social quanto as militares, e muito embora a posição de alferes, ou cadete, seja uma posição de subalterno dentro da carreira militar, no meio não-militar em que ele vivia era símbolo de status e poder, e digno de admiração. As relações de poder também podem ser completamente alteradas de acordo com o contexto em que se está inserido. Na presença de um tenente, de um major, seria ele o subalterno. Na presença da vizinha humilde, das mulheres da família e dos escravos, ele se tornava “superior”. “Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido.” (ASSIS, 2012, p. 52). Tradicionalmente, a pessoa mais importante do lugar tem o melhor lugar à mesa e é o primeiro a receber o alimento.

Quando pensamos nas relações de poder estabelecidas no conto, pensamos em como o personagem principal se sentiu sem prestígio quando já não compartilhava seu espaço com mais ninguém. Acabamos também inevitavelmente pensando em nossas próprias relações sociais e políticas no momento de isolamento que se iniciou em 2020 e não sabemos quando acabará.

O autor é um observador da sociedade e da natureza humana. Uma vez que ele descarte o benefício prático, ponha de lado os potenciais obstáculos psicológicos e tenha um claro entendimento de si mesmo, suas observações serão incisivas e meticolosas e, sem que nenhum assunto consista num tabu, ele poderá expor e apresentar de maneira penetrante a verdadeira situação da vida humana. A literatura não se satisfaz em documentar pessoas e eventos reais, e a capacidade do autor de sondar a vida e a natureza humana deriva de suas experiências de vida. Mas ainda mais importante é a capacidade inata do autor tanto de sondar as mais distantes profundezas quanto de usar meios estéticos para relatar linguisticamente as percepções que foram despertadas ao seu redor. (ESTEVAM, 2011, p. 15).

Dentro de uma convivência social corriqueira, dentro dos espaços públicos e privados: nas ruas, no trabalho, nas famílias, as relações de poder se formam como no conto, muitas vezes sem acordo prévio, de forma mais ou menos espontânea e natural entre os seres que se relacionam em um mesmo espaço; outras vezes essas relações se formam pela hierarquia dos cargos de trabalho e nos lares. No momento em que as relações se transformam, que o isolamento social é imposto a quase todos os seres humanos da Terra e em que cada um se fecha em seu próprio espaço, as relações sociais e de poder também se transformam.

A literatura não está dissociada da política, antes, pode e deve, não apenas representar as relações de poder entre os homens, como também criticar, exaltar, fazer pensar e até apresentar soluções.

A política da literatura supõe que a literatura não seja instrumental usado para propagar ideias ou representações, mas que crie um novo tipo de — senso comum, reconfigurando as significações, reconfigurando os modos de existência. (ESTEVAM, 2011, p. 46).

Poucos autores retrataram com tamanha riqueza de detalhes o Brasil e as relações sociais, familiares e de poder como Machado de Assis. E, muito embora os tempos tenham mudado, seu caráter clássico, faz com que a realidade retratada por ele se aplique muito bem aos dias de hoje e a qualquer tempo.

Uma vez que, assim como retratado no conto, temos o outro como nossa “alma exterior”, para formar nosso olhar de fora para dentro, quando abrimos mão da convivência com esse “outro” em espaços compartilhados, mesmo que de forma forçada, passamos a ter um pouco mais de dificuldade de reconhecer e entender a nós mesmos. Na ausência desse olhar que vem de fora, dessa preocupação constante com o mundo exterior no vestir, no falar, ao se posicionar, o mundo parece se tornar mais interno, mais interior. As relações de poder perdem um pouco sua importância já que temos vivido cada vez mais no nosso próprio espaço e menos no espaço do outro ou em espaços comuns.

O homem existe em meio a todo tipo de restrição na sociedade, e a liberdade não é um direito concedido ao nascer. Um preço deve ser pago, há condições, e ela nunca veio de graça. Mas a liberdade espiritual pertence ao indivíduo, embora seja necessário que o indivíduo a escolha, e a independência e a autonomia da literatura são algo que o autor deve escolher. A liberdade espiritual enobrece os seres humanos, e consiste também num atributo da literatura. (ESTEVAM, 2011, p. 17).

Aristóteles (1997 apud ESTEVAM, 2011, p. 7) dizia que o homem é um animal político, um ser social, gregário, que necessita do outro não apenas para ajudar a suprir suas necessidades diversas, mas também para compartilhar suas conquistas, alegrias e tristezas.

Viver em comunidade é natural e necessário ao homem: à sua vida, mas também à sua felicidade. O homem não se associa a outros apenas para assegurar sua sobrevivência, mas também para realizar a sua essência. O indivíduo é na verdade um ser inacabado, que tem por meta a perfeita relação com o outro. Se a família e o vilarejo existem em vista da satisfação das necessidades básicas (alimentação, segurança), elas estão subordinadas à comunidade política, à cidade (Estado), cujo fim principal é

o "bem viver", a felicidade. (ARISTÓTELES, 1997 apud ESTEVAM, 2011, p. 7).

Em um contexto social em que já não se deve mais agregar, mas se isolar, involuntariamente, tal como o alferes do conto, perdemos também nossas referências externas e as alegrias e facilidades que o agrupamento nos possibilita. E a universalidade e atemporalidade da literatura mais uma vez nos permite reconhecer as semelhanças entre a arte e a vida, tal qual conclui Bosi em sua análise no conto:

Uma vez mais, a evocação machadiana de um contexto local (uma fazenda de escravos no interior fluminense; uma patente de alferes da Guarda Nacional) acabou explorando uma questão candente do pensamento moderno: a identidade do sujeito forjada pelo olhar social. (BOSI, 2014, p. 244).

Estamos todos reaprendendo a viver em um contexto social e político em que não mais nos reconhecemos nem nos avaliamos pelo olhar do outro e, estamos agora, mais do que nunca, buscando no nosso espaço interior e na literatura, as respostas que sempre nos faltam.

## Referências

ASSIS, Machado de. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret., 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORGES FILHO, Ozíris. BARBOSA, Brígida Alves Leal. Espelho/Espaço: Topoanálise do conto O Espelho de Machado de Assis. **Dossiê: linguagem, literatura, e pensamento dialético**, v. 7, n. 13, p. 35-49, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/77>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BOSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. **Estud. av.** São Paulo, v. 28, n. 80, jan./abr. p. 235-246, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/20.pdf> Acesso em: 15 mar. 2021.

BÍBLIA, N. T. Mateus. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e atual. no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 37. Cap. 27, vers. 89-60.

ESTEVAM, Mariana. **Literatura e Política, de ontem e de hoje: vínculos e fronteiras moveidças entre dimensão literária e esfera política - curso (30 horas) apresentado no Instituto do Legislativo Paulista (ILP) da ALESP, São Paulo, de 16/8/2011 a 13/9/2011.** São Paulo: ILP, 2011. Disponível em: [https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075\\_arquivo.pdf](https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21075_arquivo.pdf) Acesso em: 24 mar. 2021.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

Recebido: 12/03/2020

Aprovado: 12/05/2020